
**RESISTÊNCIAS COTIDIANAS NA
EDUCAÇÃO: O *AFFECTO* NAS ATUAIS
ESCOLAS PAULISTAS**

Mayara Alves Ferreira Sobral

Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista integral ProUni com estudos focados em Educação e Juventude. E-mail: sobral.maya@gmail.com

RESISTÊNCIAS COTIDIANAS NA EDUCAÇÃO: O AFECTO NAS ATUAIS ESCOLAS PAULISTAS**DAILY RESISTANCE IN EDUCATION: AFFECTION IN CURRENT PAULIST SCHOOLS**

Mayara Alves Ferreira Sobral

RESUMO

A violência, em todos os seus significados, e a formação dos *afectos* no ambiente escolar são dois distintos alicerces que contemplam a educação. Este artigo, sob uma perspectiva da história do tempo presente, busca compreender como a violência e o *afecto* se manifestam no ambiente de uma escola pública paulista. As estruturas da escola, aqui apresentadas, demonstram uma educação nenhum pouco emancipadora, automática e arbitrária conforme os transtornos dos *afectos* são apresentados. Fazendo de todos os personagens da Instituição Escola reféns de método que deságuam em insatisfações e consequentemente alavancando o fracasso escolar. Atos e questionamentos vistos como ações indisciplinadas bagunçam as tradições de escolas estagnadas no tempo, quando na verdade a indisciplina aponta para mudanças que precisam acontecer.

PALAVRAS-CHAVE:

Afecto; Educação; Indisciplina; Juventude.

ABSTRACT

The violence, in all its meanings, and the formation of affections in the school environment are two distinct foundations that contemplate education. This article, from a perspective of the history of the present time, seeks to understand how violence and affect are manifested in the environment of a public school in. The school structures presented here demonstrate an education that is not emancipatory, automatic and arbitrary as the disorders of the affections are presented. Making of all the characters of the Institution School method hostages that fall into dissatisfaction and consequently leveraging school failure. Acts and questions seen as undisciplined actions disrupt the traditions of schools stagnant in time, when in fact indiscipline points to changes that need to happen.

KEY WORDS:

Affection; Education; Indiscipline; Youth.

INTRODUÇÃO

A educação é por si só um estudo importantíssimo da história ao explicar sobre as práticas da sociedade através das intelectualidades, morais dos corpos e processos de disciplina e pedagogia que formam e transformam a sociedade direta e indiretamente. Aqui trataremos sobre o combate do *afecto*¹ no ambiente escolar a partir das práticas de disciplinamento da educação pública paulista.

As tradições que são exercidas no ambiente escolar são extremamente exatas, a cada fim de ano letivo inicia-se outro se nutrindo das mesmas práticas, itens como caderno de advertências, suspensões, provas surpresas como forma de castigo, exigência de um silêncio nos corredores e salas, e em contramão: alunos indisciplinados, quedas significativas em notas e frequência, deterioração do patrimônio público, atos provocativos, brigas, discussões, insultos verbais, violência física, caos no cotidiano escolar, desestímulo intelectual e social e constante embate à essas práticas. Que individuo inserido no âmbito escolar já não se deparou ou vai se deparar com essa realidade, mais precisamente no setor público de educação? Afinal o que acontece que faz com cada um dos exemplos acima, citados de forma extremamente rasa, faça parte da realidade da educação? A supressão dos *afectos* ou afecção pode dar uma pista:

[...] a afecção é isto: é o estado de um corpo considerado como sofrendo a ação de um outro corpo. O que isto quer dizer? “Eu sinto o Sol sobre mim”, ou então, “um raio do Sol pousa sobre você” [...] Está claro que minha percepção do Sol indica muito mais a constituição de meu corpo, a maneira pela qual meu corpo está constituído, do que a maneira pela qual o Sol está constituído. (DELEUZE, 1978, recurso eletrônico)

Se o educador, o educando e a própria educação não compreenderem que um corpo modifica o outro, na composição e decomposição dos corpos quando se encontram e produzem diversas sensações e sentidos tais como a esperança, raiva, amor, tristeza e alegria e principalmente o conhecimento e as transformações do indivíduo, a escola vai permanecer em sua estrutura cíclica de conflitos incompreendidos. A repetição destes métodos que não oferecem resultados duradouros resulta em uma educação que não tem o objetivo de formar sujeitos emancipados pela educação (ADORNO, 2003), pois a práxis educativa é a própria emancipação:

¹ Segundo Spinoza, o termo *afecto*, compreende as variações de potência, as afecções dos corpos e a causa e efeito dos encontros, não se estende inteiramente ao significado de afeto como sentimento de simpatia e carinho. Em decorrência das traduções dos textos de Deleuze e Spinoza a grafia *afecto* será mantida.

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade... A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 2003, p.143)

Se a educação atende todas as diretrizes, menos ao contexto de uma emancipação pela educação tanto quanto atenção ao surgimento de afecções nas relações escolares, estará a repetir em nosso tempo o critério mercantilista totalizador que a Idade Moderna impregnou, transformando o pensar em um ato racional e substancial, sem criatividade e pensamento crítico. Fazendo da instituição escolar, um ambiente fabril: com sinais a cada troca de aula, provas baseando seus resultados em metas e meritocracia e um ambiente de individualismo e concorrência (IAFELICE, 2015). “Hoje, nossa educação é refém de forças mercadológicas interessadas em preparar não seres autônomos e livres, mas sempre condicionados a aceitar e a reconhecer a necessidade de se alinhar aos mecanismos de poder.” (IAFELICE, 2015, p.12)

A principal fonte documental a ser abordada para poder compreender o combate dos *afectos* na Instituição Escolar será um livro de ocorrências de uma escola pública paulista², datado dos anos de 2009 a 2011. O livro aborda aproximadamente quinhentos e trinta ocorrências ao longo dos dois anos, que foram divididas em três eixos principais para entender o processo de sufocamento dos *afectos* pela perspectiva disciplinar adotado nesta escola específica: ocorrências disciplinares, de estratégia tática e de violência. Sabendo que está sendo tratado especificamente de uma escola e seus processos de correção indisciplinar através de um livro de ocorrências internas, será necessário entender que essa prática de documentar atos indisciplinados ou combater a própria indisciplinada, violência e tática na instituição provém de uma prática coletiva entre escolas públicas e seus respectivos indivíduos. Não é um fato isolado, e sim uma tragédia anunciada em seus métodos tradicionais.

A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO HISTÓRICO

A educação como objeto de estudo nos faz compreender como prática social de um importante processo histórico da sociedade; ao qual evidencia o comportamento da coletividade e suas circunstâncias. Para tentar compreender a educação como projeto de

² A escola por segurança das ocorrências, dos nomes envolvidos e suas práticas pedagógicas não será citada e os nomes serão apresentados como fictícios.

emancipação e mais do que isso como própria atividade dos corpos políticos, é necessário entender como a pós-modernidade se apossou dos métodos do processo capitalista. A pós-modernidade se responsabiliza em alocar sua maquinaria produtiva no processo educacional e transformando-a em um processo automatizado que exige resultados sem ter o real interesse de emancipar o sujeito através do ensino. E diante de todas as características da modernidade abarcamos a escola como formadora pedagógica e social diante da industrialização, novas formas de poder e o crescimento das taxas de miséria e criminalidade latentes durante esse período do século XXI. Quando na verdade deveria ser libertadora e independente:

[...] fortalecida no seio das classes populares e de seus movimentos sociais que busca romper ou superar uma concepção de educação tradicional, “bancária”, largamente utilizada na educação escolar, criticada por ser funcional aos setores dominantes, numa perspectiva de consolidar um projeto hegemônico de dominação econômica, ideológica e cultural. Insurge-se, assim, como uma educação contra-hegemônica, posto que reclama e afirma um projeto de educação aliado a um projeto alternativo de sociabilidade. (FREIRE, 1987, p. 23).

Como uma instituição formadora de sujeitos frente a reorganização do capitalismo e a grande explosão da globalização se tornará de fato emancipadora de sujeitos? A escola, como instituição do poder e do ensino, atravessa a pós-modernidade com espaço privilegiado no sentido de prestarmos atenção em como sua prática e especificidade sofrem influência de toda essa discussão no instante que cumpre os ditames de uma sociedade capitalista. A escola disciplinar se constitui em um instrumento privilegiado para a fabricação de indivíduos que irão ocupar a posição de marginalidade. O processo de disciplinamento dos corpos que os torna dóceis e submisso ao regime de legalidades estabelecido pelas relações de poder consiste em um dos principais sucessos dessa instituição.

Por um viés da história é perceptível como esta abarca por um lado com um discurso pós-moderno e por outro esse discurso é legitimado através da obediência a quem possui o poder desfavorecendo os oprimidos a favor de um discurso pluralmente incompatível com a emancipação e combinado a reorganização do capitalismo. A escola se distancia de seu tempo no instante em que a contemporaneidade não é discutida no ambiente interno da sala de aula, conteúdos sem transigência são ditados ainda sem nenhuma revisão didática e pedagógica. O ambiente interno de uma escola importa? Ensinar sobre como ser potência, isto é, o poder de ser afetado por algo, ser sujeito de emancipação interessa no atual ambiente escolar, que por inúmeros motivos deveria ser urgentes questões que passam despercebidas enquanto os corpos dóceis permanecem silenciados.

CERTEAU E DELEUZE, UMA PONTE ENTRE *AFFECTO* COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA NA ESCOLA.

As ideias de Michael de Certeau e a Invenção do Cotidiano são constantemente destacadas para compreender o interior da escola e é referência para pesquisadores em Educação. Deleuze ao tentar interpretar *Ética* de Spinoza diz sobre potência e o poder de afetar e ser afetado. Apresentar dois grandes autores como pilares de uma distinta discussão entre *affecto*, resistência e escola talvez seja um trabalho complexo. Ou ainda seja mais uma lacuna a ser posta no emaranhado de histórias deste lugar chamado escola. Compreender Certeau é compreender como o cotidiano está repleto de invisibilidades, e como essa invisibilidade postula uma análise da sociedade, ou seja, uma análise das instituições escolares:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... (CERTEAU, 1996, p. 31).

O cotidiano é isto, uma história a meio-caminho de nós mesmos, a partir dele é possível analisar sujeitos dentro de suas práticas comuns não mais dentro de suas invisibilidades, e sim os transformando em sujeitos históricos. A escola é um espaço de prática cotidiana, conseqüentemente é lugar onde sujeitos modificam esse espaço, onde se constrói o cotidiano e suas táticas e resistências. Certeau explica sob sua ótica o conceito de estratégia:

Chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes, ou os concorrentes os inimigos, o campo, em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização 'estratégica' procura em primeiro lugar distinguir de um 'ambiente' um próprio, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 2005, p. 99-100)

A estratégia trazendo seu significado para dentro do cotidiano escolar está relacionada à gestão, quem é contemplado com o ato do controle e a manipulação: professores, direção, supervisor, dirigente etc. Quem argumenta e quem dita o convencimento

e a intimidação dentro do espaço e contra ou a favor de outros indivíduos, onde contempla a existência de hierarquias sociais. Em contramão à estratégia, Certeau chamará de tática, a astúcia contra o controle: a arte do fraco.

[...] Chamo de táticas a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [...]. A tática não tem lugar, senão a do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera, golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. (CERTEAU, 2005, p. 100)

Certeau diz muito sobre a não existência da passividade dos sujeitos e como no cotidiano existem bricolagens que possibilitam vitórias sutis dos fracos sobre os mais fortes em pequenos sucessos. A essência da escola pública é isso, a improvisação de diversos atos para atuar sobre os mais fortes: o poder disciplinar. E afinal qual seria a principal bricolagem não vista no cotidiano escolar?

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo as circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. [...]. As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo: as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de poder. Ainda que os métodos e práticas pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir. (CERTEAU, 2005, p. 102)

O *afecto* ou a *afecção* é a natureza do corpo que sofreu modificação de outro corpo, ou segundo Deleuze: é o estado de um corpo considerado como sofrendo a ação de outro corpo. A escola e as relações ali construídas são corpos sofrendo ações de outros corpos, corpos singulares que se distinguem entre si pelo movimento e pelo repouso da disciplina e da ausência dos *afectos* alegres. Uma vez que a resistência do *afecto* é não compreender a singularidade de cada corpo, e não deixar se afetar por modificação. Encontram-se diversas singularidades dentro de um cotidiano escolar que são surpreendidas e sufocadas pela manutenção da disciplina e arbitrariedade do não singular, ou os chamados maus encontros na filosofia de Spinoza, isto é, a tristeza: “[...] Tudo que imaginamos que conduz à Alegria, esforçamo-nos por fazer de modo que se produza; mas tudo que imaginamos que lhe é contrário ou que leva à tristeza, esforçamo-nos por afastá-lo ou destruí-lo.” (SPINOZA, 2007, p. 28). A súbita necessidade de tática de resistir a esse efeito encontra-se na necessidade de

afetar e ser afetado. As práticas discursivas na escola, tais como: práticas pedagógicas institucionalizadas, as diretrizes básicas de ensino pautadas no rigor do ensino e não participação do aluno como agente transformador do cotidiano escolar são frutos de regras e modelos disciplinares de controle. O corpo responde ao controle de inúmeras formas, o indivíduo (corpo discente) do ambiente escolar não é um personagem pacífico.

Visto que a escola é feita de indivíduos singulares não pacíficos e estes são agentes que afetam e são afetados pela disciplina pode-se observar que a escola nutre dos *afectos* tristes. Em média um ano letivo tem duzentos dias, e nesses duzentos dias letivos é possível acompanhar a manutenção da disciplina dos corpos e dos *afectos* através de uma produção sem objetivo explícito, a conceber resultados a currículos verticais fundamentados em políticas públicas sem levar em consideração cada singularidade de cada sujeito. A estratégia tática encontra-se quando não é respeitada eticamente a circunstância específica de cada grupo ou cada indivíduo, existindo um emaranhado de histórias atrás de cada sujeito e essas histórias são sobrepostas ao enxugamento de conteúdo. O poder disciplinar impõe regras, conceitos e normatizações sobre o sentir e sobre como afetar e como ser afetado (FOUCAULT, 1999). Os alunos da escola se manifestam estrategicamente adoecendo seus corpos e elevando índices de grande indisciplina e desvio psicossocial por estarem em uma instituição que se alimenta de tristeza.

O SILENCIAMENTO DOS CORPOS

Não é um evento isolado do nosso cotidiano que a educação, principalmente nas escolas públicas, caminha para alimentar as forças mercadológicas com a intenção de educar e preparar seres que deveriam ser livres, em reféns dos mecanismos de poder. A escola está cada vez mais aberta para impulsionar seu desejo em se tornar parte do mercado, quase como uma empresa, no instante que deixa de ser formadora do pensamento crítico e criativo e dá espaços a um ambiente estimulado pela competição, meritocracia e estimula o crescimento de apenas um conceito de sucesso e inteligência. A escola não é um espaço de preparação nem conformidade, é espaço de continuidade e entender que esse espaço deve ser combatido no instante que é vivenciado como auge das paixões tristes, estudo de Spinoza e Deleuze, compreende-se uma verdadeira denúncia de poder ao identificar que a escola pública é uma instituição que se alimenta da tristeza (paixões/ *afectos* tristes).

Para considerarmos a escola e como ela se alimenta do controle e mecanismos de poder, iremos nos fundamentar neste momento pela perspectiva da história dos vencidos, em contramão a história tradicional – ou a história dos vencedores, segundo Walter Benjamin (1987). Buscam-se as entrelinhas da história, trazer o que está escondido: as narrativas do cotidiano escolar descrita por seus indivíduos. A partir desta perspectiva daremos espaço para análise da história através das experiências cotidianas, e da relevância do protagonismo das pessoas comuns como agentes históricos, aqueles que constituem a condição da educação.

É da essência do vencido aparecer em sua impotência como inessencial, marginal, ridículo. O que transcende a sociedade dominante não é só a potencialidade desenvolvida por ela, mas também aquilo que não se enquadrou nas leis do movimento da história. A teoria vê-se remetida ao que é oblíquo, opaco, inapreendido, que, enquanto tal, tem de antemão algo de anacrônico, sem ser inteiramente antiquado, já que pregou uma peça na dinâmica da história. Isso se dá a perceber antes de tudo na arte. (ADORNO, 1992, p. 133)

Através desta metodologia é possível compreender a escola pública e suas relações de resistência do educando e educador durante o recorte histórico de 2009 a 2011. Para compreender as formas de resistência em uma atmosfera de conflitos e desafetos em um ambiente como a escola foi necessário observar os livros de advertências de uma escola pública paulista, como anteriormente mencionado. Neste livro que aborda ocorrências de advertências e suspensões na instituição, é possível compreender os mesmos métodos de disciplina em distintas situações e casos que se repetem comumente no ambiente escolar. Ora, pensando a partir deste estigma que é a escola propulsora do poder e invulnerável a mudanças é possível compreender porque a escola persiste não dando certo, no instante que se alimenta sempre dos mesmos conflitos. Por exemplo, em uma ocorrência datada de doze de abril de dois mil e dez um aluno é suspenso por um dia por assobiar em sala de aula, em outra ocorrência datada de dezessete de setembro do mesmo ano um aluno foi advertido por estar rindo em sala, em outra ocorrência de quinze de junho de dois mil e onze um aluno fica suspenso por um dia por tentar fugir da Unidade Escolar. A maioria das ocorrências parte da mesma intenção mínima de controle, desde um assovio até punir um aluno com suspensão por este estar querendo ser suspenso de suas aulas. A escola é por excelência um lugar de controle e submissão, na maioria das ocorrências é possível encontrar os mesmos dizeres quase como um escrito automático:

Os alunos abaixo foram advertidos por gracejos em sala de aula durante a aula de História do Professor X. Os mesmos foram orientados a respeitar as normas disciplinares da escola. Os pais deverão comparecer na próxima segunda-feira para tratar de assuntos relacionados a indisciplina de seu filho [...] (Trecho do Livro de Ocorrências, Escola Estadual Paulista)

Ao decorrer de todas as ocorrências é perceptível, além de um tom arbitrário e sem compromisso com a real educação do sujeito, uma constante manutenção do poder. Quais eram os gracejos e porque eles não são permitidos? Qual a versão do aluno advertido e porque não está documentada junto à ocorrência? É importante dizer que a educação sempre expressa uma doutrina pedagógica que implica numa filosofia de vida ou concepção da humanidade e sociedade, analisar brevemente o livro de ocorrência combinados a análise de qualquer cotidiano escolar atualmente percebe-se a perpetuação de doutrinas para que o sistema sobreviva aos novos indivíduos que nele ingressam, que estes necessitam assimilar os valores e as normas que regem esse funcionamento. Analisar a história dos personagens vencidos por este cotidiano não é levantar histórico de vítimas indefesas ou indivíduos passivos diante das circunstâncias, mas de tentar compreender que a Escola está processando seus indivíduos em um grande monstro chamado mercado e controle, transformando o sistema educacional gradualmente em um “aparelho ideológico” do Estado.

Há, pois, violência quando sujeitos sociais são reduzidos ao silêncio. O poder, diz Foucault, é produtivo e criativo. Inventa formas para seu exercício e acha-se difundido pelo interior das relações sociais, irradiando em todas as direções, suscitando sempre novas formas de sujeição e novas possibilidades de dominação. Refiro-me ao autoritarismo difuso que conserva o mito de não-violência, não porque recuse a existência da violência, mas por praticá-la cotidianamente a ponto de torná-la imperceptível. (CHAUÍ, 1980)

Os personagens sempre vistos como submissos a um sistema se mostraram ao longo de toda a história como agentes históricos resistentes. E isso deve ser entendido por toda a individualidade e coletividade que compõe a escola pública.

CADERNOS DE ADVERTÊNCIAS E O REGISTRO DA INDISCIPLINA

A fonte documental abaixo apresentada demonstra aspectos de uma escola específica, com ocorrências que não são de exclusividade apenas de sua unidade uma vez que se encontram diversas similaridades com distintas escolas em cidades diferentes abarcando todo o estado de São Paulo. Enumeramos todas as ocorrências do livro, em quinhentos e trinta casos aos quais se organiza em três eixos principais para exemplificar a supressão dos *afectos*, táticas de resistência contra o sistema e o ambiente de caos que a escola está inserida apresentam: 444 ocorrências de indisciplina, 33 ocorrências táticas e 53 ocorrências de indisciplina.

As ocorrências nunca apresentam o lado do aluno, nos livros só é apresentada a ocorrência registrada ou pelo professor, diretor e coordenador pedagógico. O que poderá ser

classificado como o registro do autoritarismo disciplinar, afinal os personagens das ocorrências nunca estão presentes como autores ou no mínimo informando suas versões dos casos, uma prática que nos lembra os boletins de ocorrências policiais.

Abaixo segue algumas das ocorrências que implicam em não respeitar as normas escolares, fugir da sala de aula, andar pelo pátio sem autorização, sentar-se de forma inapropriada, palavrões, uso de cigarro nas dependências escolares entre outros.

“O aluno Cleber da 8C foi pego fumando na hora do intervalo na quadra, a mãe deverá vir tomar ciência do ocorrido (2 dias suspenso)” [Na nota da ocorrência foi anexado o cigarro como prova dos fatos]

“Os alunos abaixo foram suspensos pelo fato de estarem tumultuando a escola: correndo, gritando e agitando sem limites. Os pais foram chamados para tomarem providência”

“O aluno Ângelo 8ªB fica passeando pelo pátio, não permanece em sala de aula, pulou o portão fugindo da escola na 1ª aula do dia 18.03.10. A mãe foi convocada.”

“Aos quinze do mês de fevereiro de dois mil e onze, a Prof.ª Rebeca solicitou a presença da Sra. Diretora Sueli pois o aluno Lucas da 5ª B desrespeitou-a. Não acatou a ordem da professora de sentar-se corretamente e parar de falar. O aluno foi agressivo com a prof.ª, dizendo que não estava na esquerda uma vez que ela havia solicitado para sentar-se direito. [...]”

A seguir as ocorrências apresentam-se por desobediências que sugerem palavrão não permitido, ameaça de bomba, uso de óculos escuros e boné, gracejos durante a aula, levantar da carteira sem permissão, cola na cadeira do professor, vidros quebrados propositalmente, pichações, guerras de comida e guerras de bolinha de papel, falar alto em sala de aula, assobios e barulhos similares, exercícios físicos durante a explicação da matéria.

“O aluno Luigi suspenso por 3 (três) dias pois o mesmo pegou um grilo verde que estava na quadra e jogou dentro da panela de carne, o responsável deverá tomar ciência e o mesmo ainda ameaçou a Tuca (funcionária da escola) dizendo que iria ferrar com ela [...]”

“O aluno abaixo relacionado foi suspenso por 1 (um) dia por colocar cola *superbonder* na cadeira que o professor iria sentar. O mesmo limpou a cadeira e foi orientado a respeitar as normas disciplinares da escola”

“Em 23 de março, o aluno Roberto da 8ªA está atrapalhando a aula, fazendo flexões. A Prof.ª Antônia encaminhou para a diretoria e foi solicitado a presença do responsável.”

Mais adiante as ocorrências expõem situações mais delicadas, que se mesclam com o cotidiano da escola e o cotidiano familiar/ pessoal dos alunos: fuga da própria residência por medo das consequências da advertência dada na Unidade Escolar, violência entre alunos, prática de bullying, racismo, roubos e danificação do patrimônio escolar, violência verbal de funcionários da escola contra alunos, atos obscenos, ofensas ao trabalho da gestão, ameaças de morte com arma de fogo e similares.

“Em 20 de abril de 2010, no decorrer da saída de alunos às 11h30, o aluno Vinicius da 8ªB foi agredido fisicamente dentro da escola, por um elemento intitulado namorado da aluna Rosangela da 7ªC, ao invadir as dependências da escola procedeu a agressão e proferiu ameaças de morte afirmando que o ‘rasgaria na bala’ em alto e bom som”

“A responsável pela aluna Caroline, dona Arminda, compareceu na escola para avisar que a aluna fugiu de casa desde ontem pelo fato de ter sido repreendida pela mãe após uma advertência da escola. A mãe ligou para o Conselho Tutelar que pediu para aguardar notícias e está aqui esperando que a menina venha para a escola e pediu para entrarem em contato [...]”

“Aos dez dias do mês de março de dois mil e dez, os alunos Rafael e Tiago da 5ªC se agrediram. Tiago estava brincando com o colega Rodrigo, onde se chamavam de ‘negrinho’ Rafael entrou na brincadeira e chamou o Tiago de negrinho sim. Tiago não aceitou a brincadeira e acabou em murros entre Rafael e Tiago. Os alunos já estão em sala de aula após o comparecimento dos pais”

Controlar os corpos e de cada movimento realizado por ele faz desse discurso a transformação de um sujeito disciplinado. Como fazer o que é julgado certo se não se ensina o certo, como se ensina a brincar se não se brinca, como se ensina a escutar se não se escuta, como querer ser emancipado se a disciplina só afunila educando e educadores?

[...] nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, p. 119)

A relação da escola deveria envolver o *afecto*. Dentro da escola existe desejo, paixões, conflitos, ansiedade e todos os sintomas são sufocados por análises rasas de comportamento, vontade e desejos sem forças para afirmar ou negar algo, apenas reproduzir ordens e comportamentos tabelados. A escola se nutre de tristeza:

Podemos dizer que quando estamos alegres, estamos, ao mesmo tempo, excitados (quando uma das partes do nosso corpo tem sua potência mais favorecida) ou contentes (quando toda a potência do nosso corpo é favorecida). Pelo contrário, quando estamos tristes, estamos ao mesmo tempo, com dor (quando uma das partes do nosso corpo tem sua potência mais constrangida) ou melancólicos (quando toda a potência do nosso corpo é constrangida). (FERREIRA, 2009)

Todo poder não gera potência, o poder administra a tristeza e a dor. Nas palavras de Spinoza (1994) as paixões tristes são instrumentos do controle e do poder, isto é, todo poder é triste, proveniente da razão de uma tristeza resulta em um distanciamento entre o governante e o governado. Todo ser submisso é prisioneiro de uma relação de força, de uma força que aliena e que domina. A escola e as relações ali construídas são cotidianamente relações de poder e submissão, a dominação afeta diversas potências até ser consentida pelo indivíduo criando uma grande teia de controles e vontades sufocadas

AFECTOS TRISTES E A POTÊNCIA DE AGIR

A tristeza é o fio condutor que provoca a homogeneização de pensamentos ou a consonância para a chegada de um meio. A Escola Pública bebe desse sentimento transtornado e parasitário que é a tristeza e o sistema de ensino pautado paulatinamente a um sistema entregue aos interesses neoliberais, precisamente intensificados no período do Regime Civil Militar e sua precondição ao arranjo autoritário, faz desse sistema o mais falível da história do Brasil. Precisamos compreender os processos que levam o sistema escolar público ao regime do controle através do sufoco dos *afectos*, e principalmente através das formas de controle que levam os protagonistas da Escola Pública Paulista exigir voz em um lugar que não é ofertado espaço.

A educação é o nosso próprio pensar, e o pensar se faz a partir de encontros e de *afectos* ou signos, segundo Deleuze. Pensar é um processo inacabado com movimento constante. E essa escola pautada nos interesses neoliberais, e a favor de uma produção tecnicista reproduz seu discurso na prática, suprimindo de geração a geração a um sentimento de impotência. Analisando o pensamento de José Ortega y Gasset sobre conceito de geração aplicado a juventude podemos compreender sua noção de "revezamento geracional"³, isto é, sucessão e coexistência de geração. Uma geração que sucede a outra automaticamente, rompendo cada qual com suas problemáticas no instante que a geração a seguir assume novo lugar em seu "revezamento". Uma geração não sucede a outra automaticamente e sim tem sentido de coexistência parcial, ou seja, sobrepõe a outra simultaneamente. Não faz mais sentido, mesmo que ainda façam parte do universo do senso comum, que exista sucessão entre gerações se elas ainda experienciam os mesmos problemas históricos - sociológicos.

Aplicando esse conceito de "revezamento geracional" e contrariando-se a ele, é fácil alocar o pensamento de gerações e como estas experienciam os mesmos problemas, principalmente quando estamos a falar sobre educação pública precisamente no Estado de São Paulo. A década de 1970 e o grande auge de autoritarismo e arbitrariedades e a grande consolidação da política neoliberal na educação pública paulista sucede aos eventos recentes que ocorreu em 2015 com as ocupações das escolas paulistas, manifesto dos estudantes do Ensino Médio conhecido como Primavera Secundarista. Um ano marcado pela enorme

³ Em FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Revista Sociedade e Estado: vl 25, n.2., 2010, pp. 185.

articulação dos estudantes em nível nacional contra a Reorganização Escolar⁴ que aconteceu com maior magnitude no Estado de São Paulo; um projeto de Reorganização Escolar prevendo o fechamento de aproximadamente noventa escolas colocou em risco o futuro de trezentos mil alunos. Gerações que experienciam os mesmos problemas e o sufoco de seus *afectos* políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conatus termo em latim que significa esforço, onde se funda toda a teoria da afetividade bem como a Ética e a teoria política de Spinoza. Todas as coisas são dotadas de potência de agir, ou seja, nenhuma coisa pode ser destruída a não ser por uma causa exterior. Só existe um movimento, aquele que é inevitável. Que tipo de *afecto* nos impulsiona a fazer, a realizar nossas potências ou interromper nossas potências?

Os encontros alegres, estimulados pelo conhecimento e sua busca nos leva a compreender que a educação deve ser espaço de emancipação e autonomia. Porque ela estimula os bons encontros – aqueles possíveis de despertar os *afectos* alegres, ou seja, busca pela potência de existir. A alegria está vinculada à ação e a liberdade intrinsecamente conectada à autonomia. A escola através de sua metodologia controladora e autoritária caminha para construção dos constrangimentos das potências de agir e existir e principalmente nos maus encontros. O conhecimento objetivo, isto é, a estrutura das relações e intelectualidades construídas nas escolas e posteriormente na vida adulta está em permanecer todas as vontades em silêncio, é ensinado de forma indireta que não devemos ter nenhuma inclinação afetiva se queremos chegar a intelectualidade: o puro sujeito é alheio a temporalidade, o intelectual deve tomar distância de sua temporalidade e deve ser livre de seus *afectos* e paixões para alcançar o conhecimento. Deve-se castrar o intelecto com o enterramento dos *afectos* no conhecimento objetivo. Estar prontificado a receber tudo isso como verdade absoluta transforma a escola em lugar de sufocamento, disciplinadora e

⁴ O Decreto 61672/2015 faz referência a lei complementar 180 de maio de 1978 especificamente aos artigos 54 e 55 que preveem a transferência de servidores a pedido ou ex-offício a bem do serviço público, realizando uma Reorganização Escolar em todo o Estado prevendo o fechamento de 93 Unidades Escolares e afetando aproximadamente mais de 300 mil alunos na Rede Pública Estadual de Ensino.

propulsora de apenas uma intelectualidade, o conhecimento é o resultado entre *afectos* que se enfrentam. O conhecimento não é o contrário dos *afectos* e sim o resultado.

A escola pública abriga em sua concentração disparidades econômicas e sociais que na verdade são reflexos de uma sociedade adoecida, e na esperança que a educação a emancipe, ela aprisiona. Todos os circuitos educacionais, precisamente a escola pública levantada neste artigo, tem como prática uma intelectualidade objetiva, rigor e disciplinamento e é por excelência silenciadora dos *afectos*. A educação adocece, porque a escola tem excelência em nos enlouquecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Mínima Moral**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução Luiz Eduardo Bisca. São Paulo: Ática, 1992.

BARBOSA, R. **Reforma do Ensino Secundário e Superior**: Parecer e Projeto. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio sobre as Afinidades Eletivas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2005.

CERTEAU, M; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. "A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo". In: GALVÃO, Walnice Nogueira e Prado J.R. Bento, (orgs.). *Almanaque 11: Educação ou Desconversa?*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, G. **Conversações**. 2 ed. Trad. Peter Pál Perbart. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. Spinoza- Cours Vincennes. Paris, 24 de jan.1978. **Aula ministrada por Gilles Deleuze**. Tradução de Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <<https://www.webdeleuze.com/textes/194>> Acesso em 27 de abril de 2017.

ESTRELA, M.T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto, 1992.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. Revista Sociedade e Estado: vl 25, n.2. 2010.

FERREIRA, Amauri. **Introdução à Filosofia de Spinoza**. São Paulo: Quebra Nozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 7ª Ed. São Paulo: Centauro, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: O nascimento da prisão**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GENTILI, P; SILVA, T. T. **Neoliberalismo, qualidade total e educação – visões críticas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

IAFELICE, Henrique. **Deleuze devorador de Spinoza: teoria dos afectos e educação**. 1ª Ed. São Paulo EDUC: FAPESP, 2015.

MARTINS, André. (Org.) **O mais potente dos afectos: Spinoza e Nietzsche**. São Paulo, VMF Martins Fontes, 2009.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do Capital**. Tradução Isa Tavares. 2º Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a Educação**. Tradução de Noeli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

RIZK, Hadi. **Compreender Spinoza**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11º ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. 3ª.ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2007.

_____. **Tratado Político**. Tradução de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Ícone, 1994.

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em janeiro de 2019.